



## TERRITÓRIO, SIGNIFICADO E CULTURA: UMA ANÁLISE SOBRE AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DOS ALUNOS DA UNIFAL – MG

Caio de Luca do Nascimento  
caio\_dluca@yahoo.com.br  
Universidade Federal de Alfenas-MG

Felipe Moretto Moura  
fe.moretto@hotmail.com  
Universidade Federal de Alfenas-MG

Laura Ronchini Mendonça  
laurarmendon@gmail.com  
Universidade Federal de Alfenas-MG

Santos Aparecido Barbosa de Sousa Junior  
santoosjunior@hotmail.com  
Universidade Federal de Alfenas-MG

189

**Resumo:** Os chamados “rolês” em repúblicas permeiam o cotidiano dos universitários, trazendo à tona manifestações que expressam um tipo de cultura. Neste contexto trazemos algumas considerações sobre a territorialização de tais manifestações, evidenciando seu significado, como ocorrem e de que forma se estruturam a partir dos seus agentes. Com a finalidade de conhecer a realidade de quem está nesse meio e trazer visibilidade a esse modo de vida, sem depreciação ou enaltecimento exagerado. Apesar de ser uma cultura ligada à comunidade acadêmica, que ocorre diariamente diante de quem está inserido e/ou convive próximo a universidades, ela pode ser interpretada de modo errôneo e subjugada devido aos estereótipos de décadas baseado no “politicamente correto” e modos “tradicionais” de vivência. Portanto, é necessário obter vários pontos de vista seja de quem fornece, produz e frequenta (ou não) essas festas.

**Palavras-Chave:** repúblicas universitárias, festas, rolês.

### Apresentação

A Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), instalada no município de Alfenas-MG, é fruto das políticas de expansão do ensino superior através da lei 11.154/2005, sob transformação da Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas em Centro Universitário Federal, que culminou com a expansão das vagas oferecidas atendendo hoje um grande número de alunos. Atualmente a UNIFAL-MG conta com 4.204 alunos, dentre eles 3.731 alunos de graduação e 733 pós-graduandos (DRGCA, 2017).

Dentre essas manifestações culturais, apresentam-se principalmente como forma de entretenimento as festas universitárias e os “rolês<sup>1</sup>” universitários. O presente trabalho com o objetivo de analisar a perspectiva dos estudantes universitários e os frequentadores destes rolês, em uma tentativa de classificá-los e descrever suas influências e representações dentro dessas comunidades<sup>2</sup>.

A comunidade acadêmica apropria-se do espaço do qual é inserida, assim como ocorreu com a UNIFAL-MG, a partir de um longo processo de reconfiguração de suas instalações. Através disso especializa-se como instituição e comunidade, chegando ao nosso objeto de análise.

A identidade geográfica, de fato, é antes de tudo um produto cognitivo; resultado de um processo de análise e de representação que nos permite elucidar um determinado âmbito espacial do próprio entorno. Em termos comparativos pode dizer-se que, enquanto a identidade territorial nasce por um processo auto referencial colocado em ação por uma comunidade que se apropria culturalmente de um âmbito espacial predefinido, a identidade geográfica é uma representação operada de fora com finalidades meramente descritivas e/ou interpretativas (POLLICE, 2010, p.8).

Partimos deste ponto na busca de compreender e analisar a percepção das pessoas sobre alguns hábitos universitários em Alfenas, identificando a diversidade cultural presente nas festas de república em torno da universidade, descrevendo como se dá o processo de territorialização desta cultura.

Claval (2002) afirma que o sentimento de pertença regional nunca se apresenta como automático e natural. Nasce de um processo de integração do eu em um meio ambiente e social particular. As regiões geográficas têm uma dimensão afetiva, psicológica e simbólica que cumpre um papel fundamental.

---

<sup>1</sup> Rolê: é interpretado neste trabalho como sendo uma gíria utilizada pelos jovens da geração atual, em Alfenas; não se aplica de forma clara, porém é comumente utilizado a fim de descrever qualquer tipo de atividade ligada à recreação de um determinado grupo. O termo se diferencia das festas, que são atividades recreativas com características especificamente distintas, mas ainda sim são abarcadas pelo termo. Toda festa é um rolê, porém nem todo rolê é uma festa.

<sup>2</sup> Comunidade: entenda-se neste trabalho por comunidade acadêmica, que compõem este cenário de análise.

Este trabalho se justifica pela necessidade de repensar as identificações de grupos sociais, que são processos de fragmentação da comunidade acadêmica. Esta se dá diante da diversidade da comunidade universitária, que abrange diversas classes, etnias, culturas e grupos, levando as manifestações culturais na busca de uma identidade.

O objetivo é entender como essa cultura se expressa dentro das festas e rolês universitários e quais são as contribuições neste âmbito. Espera-se chegar a este objetivo através de uma série de análises, passando pelos frequentadores dos chamados rolês, organizadores, até chegar ao seu fornecedor principal. Há ainda a finalidade de descrever como se dá a territorialidade e significado das festas que ocorrem nas repúblicas, identificando a diversidade cultural presente nessas relações.

### **Metodologia**

A percepção das pessoas evidencia como elas sentem as dimensões das regiões geográficas, que podem ser estudadas na Geografia através do método de abordagem fenomenológico, que será o utilizado neste artigo. Tendo em vista o que disseram Pereira *et al* (2010), “a experiência vivida constrói a consciência, sendo que pelo mundo vivido, a fenomenologia coloca o indivíduo em contato com o mundo de objetos exteriores por via da percepção”.

Para realização deste artigo, além do embasamento teórico sobre o tema proposto, foram aplicados questionários *online* aos alunos da instituição de ensino, por meio de link disponibilizado via Google Drive (divulgados em mídias sociais) no período de três a oito de julho de 2017. Este obteve de maneira anônima 79 respostas, a fim de entender o perfil dos frequentadores e não frequentadores das festas.

Na tentativa de identificar o significado da cultura que se tem no meio acadêmico, foram feitas as seguintes perguntas: “As festas de república trazem um aspecto cultural? Se sim, qual? Se não, por quê?”; “Que tipo de festa você prefere frequentar?”; “Você costuma ir para festas universitárias?”; “Você acha que em Alfenas faltam outras opções de lazer?”; “O que você busca nessas festas?”

Para conhecer melhor esse processo, as entrevistas foram feitas com um representante de cada uma das três repúblicas de expressividade dentro das relações festivas estabelecidas no cenário da universidade. Esta se deu através de perguntas pré-elaboradas. Também foi entrevistado um comércio local, o qual foi apontado pelas repúblicas como um fornecedor chave para toda essa estrutura, portanto, ponto central destas relações.

Todos os envolvidos na pesquisa prezam pelo anonimato, o que foi respeitado. Sendo assim as repúblicas serão tratadas de “X”, “Y” e “Z” e o comércio estudado será chamado pelo nome fictício de “Comércio Chave”.

### **Fundamentação teórica**

Para que haja uma compreensão melhor sobre o tema, o território é o primeiro conceito a ser analisado, porém não sob viés tradicional, ligado à ideia de Estado, mas sim como descrito - “territórios que são no fundo antes relações sociais projetadas no espaço que espaços concretos” (SOUZA 2000, p.87), ou seja, a territorialidade assume uma conotação que não é necessariamente determinada pelo espaço físico. A temporalidade também ganha importância, a partir do momento em que o território se constitui como itinerante e temporário, assim, a continuidade no tempo e no espaço se dá de modo complexo, sendo necessário abordar a cultura em questão.

O território na perspectiva tradicional é muito simplificador. Uma abordagem mais útil para esta pesquisa é vê-lo “como fruto de uma apropriação simbólica, especialmente através das identidades territoriais, ou seja, da identificação que determinados grupos sociais desenvolvem em seus “espaços vividos” (HAESBAERT, 2002).

Através da cultura, como forma de unificação da comunidade em questão, os universitários passam a territorializar o espaço, territórios que são construídos e desconstruídos dentro de diversas escalas temporais: séculos, décadas, anos, meses ou

dias (SOUZA 1995 p. 81). Uma das formas pelas quais essa territorialização acontece são as festas.

As festas desempenham um importante papel na relação entre o homem e o meio, pois estas manifestações sempre refletiram o modo como os grupos sociais pensam, percebem e concebem seu ambiente, valorizam mais ou menos certos lugares (BEZERRA, 2008, p.7). Para Felipe (2008, p. 48), ao discutir sobre uma apresentação teatral com aspecto festivo no Rio Grande do Norte, a festa tem ainda importância, pois pode ajudar a “polir os mitos, embora a sua pedagogia não revele todos os seus sentidos e significados”.

Ao entorno da UNIFAL - MG as festas podem acontecer nas casas, chamadas de repúblicas, compartilhadas por vários estudantes; quando passam a apresentar uma capacidade de atrair público um pouco maior, as festas acontecem em casas de eventos e majoritariamente em sítios/chácaras. Por meio destes espaços promovem uma série de eventos com diversas finalidades.

Para entender-se como são estruturadas essas relações, o conceito de rede, de acordo com a perspectiva apresentada por Haesbaert atende às necessidades. Segundo ele, o termo:

contribui para compreendermos essas articulações entre diferentes territorialidades bem como suas estruturações internas” (HAESBAERT, 2002, p. 121). E por rede geográfica entendemos “um conjunto de localizações geográficas interconectadas” entre si “por um certo número de ligações. (CÔRREA, 2005, p.107)

Dentre as finalidades festivas, estão como primordiais os fatores econômicos no auxílio e manutenção da casa, o lazer dentre as poucas alternativas no município, e a socialização dos estudantes. Porém, nosso objetivo caminha para além destas relações, interpretando o significado que essas festas podem conter. Afinal, o que representam? White (1973, *apud* CORRÊA, 2009 p. 335) afirma que todo comportamento humano é comportamento simbólico, todo comportamento simbólico é comportamento humano.

Por conseguinte, constituem-se uma série de relações culturais, que se dão através das relações sociais estabelecidas sob o viés institucional da UNIFAL-MG, para além de sua estrutura física e acadêmica, que por sua vez, constitui-se de uma série de significados a serem estudados. Para Rocha (2003), signos são “tudo que é produzido e pode ser interpretado”, ou seja, são mensagens que podem ser não verbais, constituídas de gestos, símbolos, sinais – portanto são mensagens à espera da interpretação do observador. Corrêa (2009) diz que os significados não são apenas um produto social, são também uma condição para a reprodução social, incluindo não apenas valores, crenças, mitos e utopias, mas também as relações sociais e a espacialidade humana.

Neste sentido toda atividade humana é, ao mesmo tempo, material-simbólica, produção e comunicação. (COSGROVE *apud* CORRÊA 2003, p. 103). Evidencia-se desta forma a importância da cultura das festas universitárias – no cotidiano, sustentam, reproduzem e espacializam as relações sociais concebidas a partir da territorialidade que as constrói.

[...] Já não se pode acreditar na possibilidade de invocar uma razão universal para explicar a organização da realidade social. Por isso se deve informar que regularidades aparecem na vida social, que a percepção da paisagem e da realidade social é uma construção social e que perspectivas semelhantes existem nos grupos sociais[ ...]. (CLAVAL *apud* CLAVAL, 2002, p. 24-25)



**Figura 1:** Imagem construída pelos autores, 2017

Na tentativa de justificar essa escolha, se entende que as regularidades se apresentam no aspecto geral e comum a todos. Estudantes de graduação e pós-graduação de uma instituição de ensino superior que diante de uma cultura estabelecida historicamente, reproduzem relações e criando sobre si mesmos um imaginário social que leva a identificação da comunidade (Figura 1). Segundo Pollice (2010):

A identidade, enquanto produto sociocultural, pode ser objeto de interesse geográfico quando se torna elemento plasmante das disposições territoriais ou, mais em geral, quando determina, ou está em grau de determinar, modificações estruturais, relacionais e de sentido no espaço geográfico. (POLLICE, 2010 p.08).

A impressão cultural da comunidade acadêmica acaba por exprimir sobre o espaço geográfico outros tipos de sentido, que se difere, por exemplo, daquele que se apresentaria pelos moradores ou pessoas que se direcionam para o município em busca de trabalho. A diferenciação de sentidos dado aos espaços determina, de forma imaterial, territorialidade, que passa a materializar-se de diversas formas.

[...] a cultura é vista de acordo com o papel que desempenha na sociedade. Determinada pela natureza ou pela base econômica, de um lado, ou tendo o papel de determinação, sendo então considerada como entidade supra orgânica ou, ainda, em terceiro lugar, como um contexto, isto é, simultaneamente reflexo, meio e condição. (CÔRREA, 2009, p. 01).

Por fim, o conceito de cultura pode explicar a diferenciação entre os grupos sociais que habitam o município de Alfenas, e que faz os indivíduos se reconhecerem ora como parte de um grupo, ora como parte de outro, de acordo com momento e o contexto.

## Resultados

São apresentados, neste contexto, os pilares de todas as relações por trás deste ambiente universitário. Além da importância da universidade, que cria e dá significado a comunidade de estudantes, tem-se o comércio local que propicia também a manutenção

das relações não acadêmicas que são os chamados rolês, seja fornecendo a bebida por um custo menor que os demais estabelecimentos, ou ponto de vendas para ingressos ou, até mesmo, ponto de encontro para o início de uma noite agitada. Apresentando-se como ponto referência desta dinâmica.

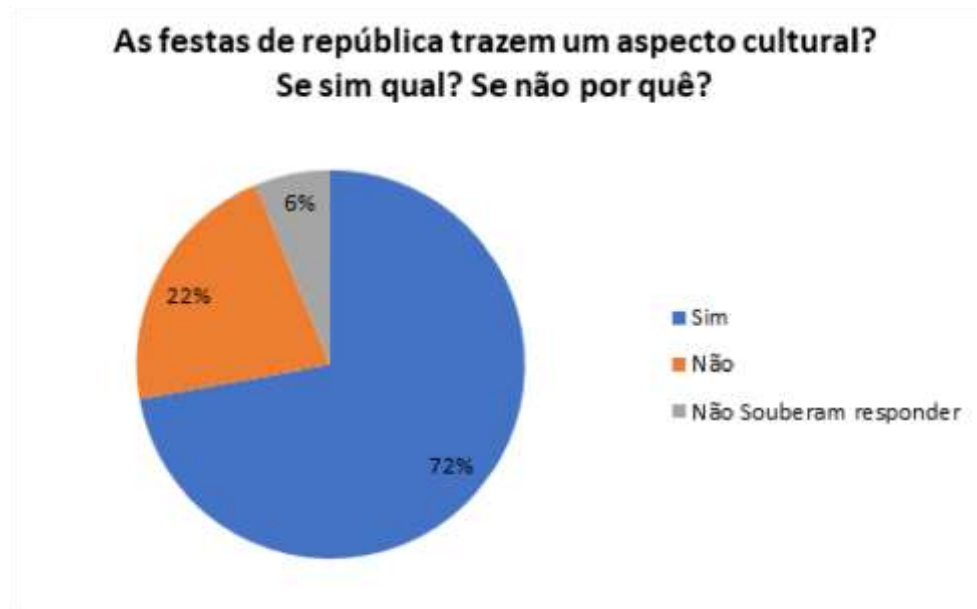
De outro lado, em meio de casas noturnas, festas em chácaras alugadas e os megaeventos que acontecem na cidade, existem as festas em repúblicas, como apresentadas anteriormente. Estas, formadas por alunos da universidade, deixam de ser apenas casas alugadas para moradia e se tornam locais de entretenimento para outras pessoas, com um preço mais acessível. As mais tradicionais, podem arrecadar em torno de 400 reais, como também se sujeitam a sofrer prejuízos com danos causados por terceiros na residência.

E por fim, os frequentadores, os que movimentam essas formas de socialização, buscam o alívio do estresse diário, divertimento, passar o tempo livre ou conhecer novas pessoas.

Apesar de 22% das pessoas afirmarem que as festas em repúblicas não trazem um aspecto cultural (Figura 2), Claval (2001, p. 40) afirma que os indivíduos e os grupos não vivem os lugares do mesmo modo, não os percebem da mesma maneira, não recortam o real segundo as mesmas perspectivas. Isso se mostra nas respostas quando questionados sobre a existência do aspecto cultural. Apesar de 41% (Figura 3) dos que responderam o questionário dizem que preferem esse tipo de festa, houve diversas repostas com opiniões divergentes, como: *“Sim, pois o mundo universitário confere uma cultura própria de acordo com a realidade dos estudantes.”*; *“Elas podem trazer, dependendo da maneira com que são organizadas. Podem trazer boa música, trazer grupos culturais que atuam na cidade ou dentro da universidade, apoiar projetos e trabalhos manuais e de jovens da cidade”* e, também, respostas como: *“Não. As festas são em sua maioria genéricas e umas iguais às outras. Há uma diferença quase nula entre festas de república.”* Isso pode demonstrar que muitas vezes as pessoas não entendem o significado de cultura e firmam o pensamento no que se entende por cultura, associando a gostos musicais mais sofisticados, ou mesmo tratando gostos considerados marginais com abjeção.

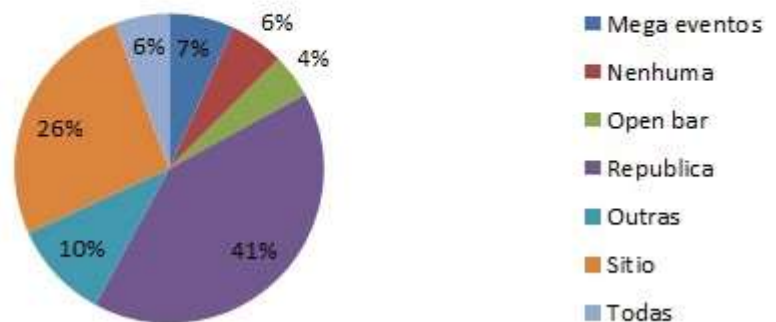


Essa cultura é composta através do cenário criado pelas repúblicas, que promovem as festas. Segundo as informações apresentadas nas entrevistas, junto a integrantes das repúblicas, o interesse econômico é o fator primordial para promoção destes pequenos eventos, tendo um retorno à manutenção da própria casa e sem intenção de enriquecimento pessoal. De uma forma “inconsciente” promovem eventos que configuram o território da cultura universitária, o que é reconhecido por seus frequentadores, como apresentado por 72% dos entrevistados, quando questionados sobre a presença dos aspectos culturais. O que evidencia que essa está enraizada nessa comunidade.



**Figura 2:** Gráfico elaborado pelos autores, baseado em questionário aplicado no período de 3 a 8 de julho de 2017.

## Que tipo de festa você prefere frequentar?



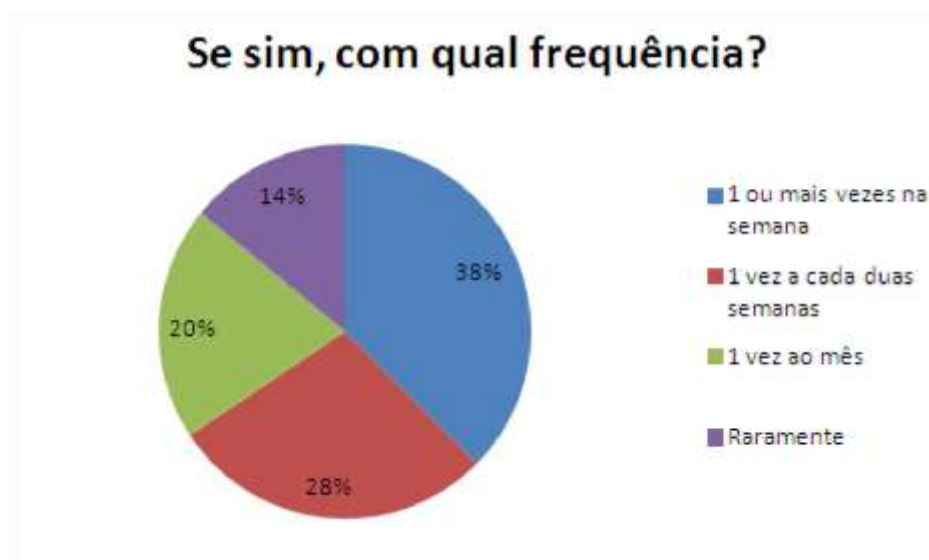
**Figura 3:** Gráfico elaborado pelos autores, baseado em questionário aplicado no período de 3 a 8 de julho de 2017.

Isso se comprova também através de outras questões, como a frequência da ida às festas, a falta de opções de lazer no município e o porquê de frequentá-las. As respostas a essas perguntas se confluem em um único sentido. 81% dos questionários afirmaram ir a festas universitárias, 92,4% das pessoas afirmam que no município faltam opções de lazer. Quando então questionados sobre o que buscam nestas festas, todas as respostas se referem a socialização, distração e diversão, ou seja, um escape ao cotidiano.

Além disso, é possível analisar também que, quando 88,6% afirmam que a rotina universitária sobrecarrega seu dia-a-dia, de certa forma, nos deparamos novamente com o aspecto cultural, quando determinam a mesma finalidade a determinado grupo, a busca de alívio à rotina universitária.

Algo que também nos remete ao significado desta cultura está sob a questão da frequência (Figura 4), na qual 20% das respostas apontam que, ao menos, uma vez ao mês, frequentam as festas, e o restante dos entrevistados com uma maior frequência. Indicando a formação de um hábito, o que dentro de uma comunidade, evidencia-se uma cultura.

Portanto, o caráter simbólico da cultura dos rolês universitários torna-se notório, tendo em vista a partir deste ponto o modo como estas relações se estruturam, como se estabelecem, quais seus subsídios comerciais.



**Figura 4:** Gráfico elaborado pelos autores, baseado em questionário aplicado no período de 3 a 8 de julho de 2017.

O primeiro ponto que chama a atenção é o número de pessoas que movimentam os chamados rolês, oscilando entre 200 a 300 pessoas o que inicialmente revela a representatividade das repúblicas e a periodicidade em que esses rolês acontecem. Variando de república da menor frequência de duas festas por semestre (república “X”) até uma maior de duas festas por mês (república “Y”). Remetendo novamente aos aspectos e hábitos de uma comunidade como já retratado anteriormente.

Outro aspecto interessante retratado que permeia tais relações é a articulação destas repúblicas universitárias entre si, promovendo eventos maiores ou relações que se estabelecem, por exemplo, com centros acadêmicos e associações atléticas da universidade. Isto não necessariamente, requer que os moradores sejam ligados a esses cursos, porém carregam em seu nome determinada credibilidade para elevação do evento, remetendo a organização, qualidade e público que participará.

Tal credibilidade provém dos famosos rolês que vem obtendo sucesso ao longo do tempo, cativando confiança e sendo sinônimo de qualidade na comunidade acadêmica. As repúblicas citadas são tidas como tradicionais ou sinônimo de sucesso quando se refere a eventos e festas.

Os entrevistados ilustram ainda que a temática sofre variações. O público que frequenta, ao responder o questionário apontou que primeiramente o município não apresenta opções diversas de lazer 94,4%, tendo os rolês como uma das poucas opções que se dividem entre bares, festas e megaeventos, porém como já retratados, a preferência se concentra quando é em repúblicas. Além disso, 64% dos entrevistados afirmam que o tipo música no momento de escolha de qual rolê frequentar é fator importante.

Enquanto os moradores das repúblicas apontam que a diversificação das temáticas acontece na busca da diversificação do público que frequenta o rolê, em uma tentativa de abarcar todas as tribos que pertencem à comunidade assim, como afirma Durkheim (2003, p.409), o grupo reanima periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade.

Dentro deste panorama de um município sem diversificação do lazer, as repúblicas assumem o papel do entretenimento universitário, o que foi consolidado historicamente, levando as repúblicas a um *status* decorrente de seu tempo de existência. Evidenciando a estrutura social estabelecida a partir da territorialização das repúblicas e sua imposição ao se estabelecer dentro de uma função da comunidade acadêmica, que se mantém através das relações sociais neste meio.

Sob a ótica das repúblicas, as festas têm viés econômico e de entretenimento, com o intuito de obter lucro para reservas de dinheiro que garantem a segurança no convívio de um grupo relativamente grande de pessoas que acabam dividindo o mesmo lar, para realizar reparos, reformas, compra de mobílias, eletrodomésticos e etc. Além do pagamento de contas em momentos de dificuldades financeiras.

Como citado anteriormente, os comércios e distribuidoras de bebidas têm grande papel nesse ciclo do lazer universitário. O “Comércio Chave” para essas relações é

apontado pelos integrantes das repúblicas como o local que fornece as bebidas. Além disso, sua relevância é comprovada a qualquer indivíduo que passar pelo local após o horário de aulas, no fim da tarde, ou no fim de uma semana sem eventos na cidade, no qual poderá observar que o local se torna acolhedor para os jovens que se aglomeram na rua para passar o tempo.

Um agravante dentro de todo este panorama sobre a cultura universitária é o estigma do qual a população do município (ou até mesmo alguns universitários) têm sobre os estudantes, geralmente chamados de “barulhentos”, “vagabundos”, “drogados” e vistos com maus olhos. Confirmam-se em uma das respostas recebidas no questionário esses estereótipos de territórios: *“Mesmo que seja um aspecto cultural, é mais local e raso (e assim como na maioria de outras cidades), sem nenhum tipo de apropriação devida que resulte em qualidade acima do custo-benefício razoável. É como se fosse um oportunidade não experimentada de verdade, a falta de organização mínima geralmente é um ‘aspecto’ das festas de repúblicas e infelizmente, principalmente, das que são sedes de graduandos de ‘humanas’. Uma “associação” já seria um pontapé inicial para se criar um padrão de qualidade mínima.”.*

Através dessa análise, estabelece-se a conexão entre as relações desta forma de cultura com as redes. O “Comércio Chave” é o nó da rede, ou seja, o ponto central. Ele é importante, pois une todos os nós menores, que seriam as repúblicas, e mantém as relações sociais, comerciais e culturais com os demais indivíduos que circulam pela rede.

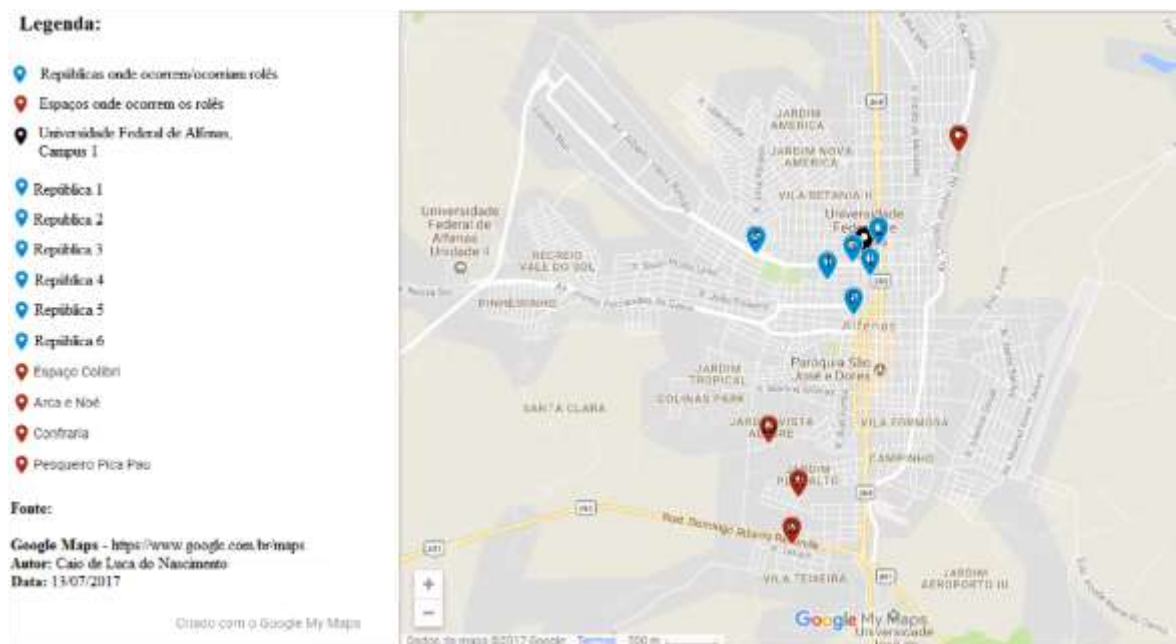
*“o principal fornecedor é o ‘Comércio Chave’ por que já pegamos com ele desde de quando fundo a republica” - Representante república X*

*“O principal e único fornecedor é o ‘Comércio Chave’, a gente tem uma relação muito boa com o “xxxxx”, que é o dono do ‘Comércio’, porque até mesmo pela frequência das festas ou seja, ele ganha muito dinheiro com nós, aí ele acaba fazendo uns descontos, ele sai ganhando, a gente sai ganhando também então é o ‘Comércio Chave’ mesmo, é a única pessoa que a gente pega cerveja, ele da o apoio de já dar os coolers a gente não precisa pagar o aluguel dos coolers só a cerveja, copo, gelo, vodka e suco, só*

isso e às vezes quando tem uma coisa ou outra a gente pega com ele também.” - Representante república Y O “Comércio Chave” se afirma como o ponto central da rede pela manutenção dessas relações informais, ou seja, a confiança estabelecida ao longo dos anos com essas repúblicas, devido à forma como o comércio ocorre, como ilustrado acima pelo representante da república “Y”. O transporte, empréstimo de objetos e condições de pagamento é feito de uma forma menos onerosa possível, ao organizador do rolê. Ademais, as repúblicas se organizam em uma associação, para que não haja problema de haver duas festas no mesmo dia, por exemplo.

Um aspecto importante a ser descrito é a irregularidade dos rolês que acontecem sem alvarás. Devido a implementação da Lei Municipal nº 4.526, de 2 junho de 2014, a qual prevê multas de até 6 mil reais à repúblicas que estiverem utilizando imóveis residenciais para festas devido a poluição sonora, está prescrito silêncio após as 22h até as 6h da manhã ou qualquer tipo de incômodo à vizinhança.

Este acontecimento levou a diminuição progressiva dos rolês nas repúblicas universitárias. A partir disso os eventos passaram um patamar de resistência cultural. Como pode ser observado na figura 5.



**Figura 5:** Localização de alguns pontos principais.

Na figura podemos observar que as repúblicas se concentram próximo à universidade, ou seja, a territorialidade dos rolês era estabelecida ao seu entorno. Com a sanção da lei muitas festas/rolês são transferidas do centro para a periferia, desterritorializando os eventos, por consequência descaracterizando suas formas tradicionais. Consequentemente os meios de transporte (companhia de ônibus, táxi, carros e vans) e aluguel de locações passam a fazer parte desta rede, elevando os custos, dificultando o deslocamento e a própria realização das festas, além do sigilo sobre a localização com chances de boicote ao evento.

## **Conclusão**

O universitário, ao ingressar em uma instituição que demanda responsabilidade, pode se ver em meio a muita pressão gerada por parte da família, dos docentes ou de si próprio. Essa sobrecarga mental leva, muitas vezes, à busca por liberdade de expressão como forma de “fugir” desse cotidiano.

Essa busca por novas identidades leva os jovens a experimentações e percepções diversas em seu novo ambiente, o que pode ser entendido como um novo estilo de vida, bem diferente do que estão acostumados. E, ao se deparar com a falta de lazer acessível e o anseio por novas experiências, essa busca pessoal pode se tornar mais importante que a vida acadêmica.

Os rolês e festas surgem como atividades corriqueiras presentes nesse novo ambiente as quais os universitários têm acesso, que pode ser o ingresso às novas experimentações e que possibilitam uma fuga da estressante realidade acadêmica. Os rolês possuem não somente este papel dentro da comunidade, como também promover a cultura universitária e espacializar em seu território.

É notável que grande parte dos entrevistados tenha preferência por frequentar rolês de república e entende a sua importância, mesmo quando não conseguem compreender sua dimensão cultural.

Analisar essas simples (porém complexas) relações do cotidiano no âmbito acadêmico destaca o valor e impõe essa cultura marginalizada. Destinar foco ao tema traz a compreensão da dinâmica espacial e sua razão, dando lugar a este tipo de debate na Academia.

Este trabalho procurou dar visibilidade a uma das formas de manifestação cultural, ligadas ao contexto da UNIFAL-MG, em Alfenas, evidenciando a carência de lazer e infraestrutura neste município.

Outra forma de abordagem ao tema seria a análise dos conflitos existentes entre os eventos de maior porte (megaeventos), os eventos de menor proporção e a população não universitária, que não couberam a esta análise.

## Referências

- BEZERRA, A.C.A. Festa e Cidade: entrelaçamentos e proximidades. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, N. 23, Jan./Jun. de 2008. p. 7-18
- CLAVAL, P. "A Volta do Cultural" na Geografia. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, ano 01, número 01, Ceará, 2002. p. 19-28
- CORRÊA, R.L. Sobre a geografia cultural. **Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, 2009. Disponível em: <ihgrgs.org.br>.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Dimensões de análise das redes geográficas. p. 107-118. In: CORRÊA, R.L. **Trajetórias Geográficas**. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- DRGCA. **Departamento de Registros Gerais e Controle Acadêmico**. R. Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Centro, Alfenas - MG, 37130-000. Consultado em: 05. jul. 2017.
- FELIPE, J.L.A. Festa e Poder Político. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, N. 23, Jan./Jun. de 2008. p. 43-52.
- HAESBAERT, R. O binômio território-rede e seu significado político cultural. **Territórios Alternativos**. Editora Contexto, Universidade Federal Fluminense, 2002. p. 117-142



POLLICE, F. O Papel da Identidade Territorial nos Processos de Desenvolvimento Local. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, N. 27, Jan./Jun. de 2008. p. 7-23

ROCHA, L.B. Fenomenologia, semiótica e geografia da percepção: alternativas para analisar o espaço geográfico. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**. v.4/5, p.67-79, 2002/2003

SOUZA, M.L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I.E., GOMES, P.C.C., CORRÊA, R.L. (org.) **Geografia: Conceitos e Temas**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 77-116

## Apêndice

Questionário sobre as preferências dos universitários quanto aos “rolês”.

O questionário a seguir faz parte de um artigo da matéria de Geografia Cultural e está sendo desenvolvido por alunos de Geografia da Universidade Federal de Alfenas. As respostas serão recebidas de maneira a garantir o anonimato dos colaboradores.

1. Você costuma ir para festas universitárias?
2. Se sim, com qual frequência?
3. Se não vai em festas, o que faz em seu tempo livre?
4. Que tipo de festas você prefere frequentar em Alfenas (local, tema)?
5. O que você busca nessas festas?
6. Você acha que em Alfenas faltam outras opções de lazer?
7. O que você sugeriria como outra forma de lazer?
8. O que te impede ou desmotiva a ir em algum “rolê” (local, pessoas, música)?
9. Qual gênero musical prefere ouvir? O gênero musical importa quando vai escolher o “rolê”?
10. Você acha que a rotina universitária te sobrecarrega?
11. Você acha que o estresse do dia-a-dia faz com que o consumo de álcool ou outras substâncias seja mais importante do que deveria ser?

12. As festas de república trazem um aspecto cultural? Se sim, qual? Se não, por quê?

#### Questionário para entrevista nas Repúblicas X, Y e Z

1. Qual a finalidade de promover festas nesta República (econômica, lazer, socializar, cultural...)?
2. Quantas pessoas frequentam as festas?
3. Com que frequência as festas acontecem?
4. Qual a destinação do dinheiro arrecadado?
5. Como vocês percebem o aspecto cultural nas festas (ele existe)?
6. Vocês fazem festas temáticas, por quê?
7. Quem é seu principal fornecedor de bebidas etc?

206

#### Questionário para o “Comércio Chave”

1. Que ano iniciaram as atividades?
2. Quando vocês montaram o Alves, era para atender a população alfenense ou os estudantes?
3. Vocês vêem o mercado como um ponto de encontro dos estudantes?
4. Qual a função de vocês no contexto das festas da unifal?
5. Pra quantas festas da UNIFAL-MG vocês fornecem bebidas num mês?
6. O fluxo de dinheiro é grande?
7. Por que vocês fornecem sob consignação? (sabem que os estudantes não tem o dinheiro antes das festas?)
8. Como vocês veem o papel das festas universitárias? isso beneficia Alfenas de alguma forma?